CORPORALIDADE, INFÂNCIA E ESCOLA: O CORPO NA VISÃO DAS CRIANÇAS

Rafaela PEREIRA

Fernanda ROSSI

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Câmpus Bauru

Eixo 07 - Educação, desenvolvimento e aprendizagem

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq - Bolsa Iniciação Científica

rafaela.xavier@unesp.br

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar a construção de significados atribuídos ao corpo por crianças do Ensino Fundamental - anos iniciais, no contexto de um processo de ensino e aprendizagem pedagógico baseado na corporalidade como eixo para a formação humanizadora.A pesquisa, de cunho qualitativo, foi realizada em uma escola de educação básica, em Bauru-SP, entre março e dezembro de 2025, contando com a participação de 60 crianças, aproximadamente, do Ensino Fundamental - anos iniciais. O desenvolvimento das ações envolveu o uso de diários de campo e metodologias participativas, como a produção de cenas teatrais sobre o cotidiano escolar e a realização de rodas de conversa mediadas. Os resultados revelam uma cultura escolar ainda centrada na "docilização dos corpos", caracterizada pela vigilância e pela repressão ao brincar e ao movimento espontâneo, visando a obediência em detrimento da autonomia. Contudo, as rodas de conversa evidenciaram que, ao encontrar canais de comunicação horizontal, as crianças expressam criticidade e subjetividades.As implicações para a prática pedagógica apontam para a urgência da construção de uma educação emancipatória que exige o reconhecimento da criança como produtora de cultura, transformando o espaço escolar em um território de acolhimento e escuta, onde a escuta infantil seja o eixo central para uma formação humana integral.

Palavras-chave: Corporalidade. Crianças. Escola.

1. Introdução

Este trabalho tem como propósito promover análises e reflexões em torno da corporalidade, a partir de um processo pedagógico desenvolvido no contexto escolar. Nesse percurso, valorizamos o protagonismo infantil como forma de enfrentamento às estruturas que, historicamente, silenciam as infâncias. Buscamos, assim, construir um

espaço que acolhesse as vozes e expressões corporais das crianças, ao mesmo tempo em que investigamos como elas percebem e interpretam o mundo que as cerca.

O trabalho integra uma pesquisa que tem como objetivo geral promover espaços de criação infantil, mediante práxis pedagógicas fundamentadas na formação para a justiça social, e evidenciar as significações da corporalidade e das práticas corporais produzidas por crianças e professores(as).

A escola tem a responsabilidade de promover uma educação comprometida com a justiça social. Nesse sentido, práticas pedagógicas ancoradas em saberes científicos, filosóficos e culturais contribuem para uma formação humana e social mais abrangente. Nesse cenário, a corporalidade ganha destaque neste estudo, pois, por meio dela, busca-se possibilitar às crianças o desenvolvimento do autoconhecimento e da compreensão do outro, favorecendo também a construção de relações pautadas no respeito no contexto escolar.

Compreendida como uma manifestação dinâmica da expressão humana (Silva, 2014), a corporalidade amplia a noção de corpo para além de seus aspectos biológicos, entendendo-o como uma construção social, histórica, cultural e simbólica, que produz sentidos, representações e integra o imaginário social (Gomes, 2002).

Sarmento (2004) destaca que, historicamente, as crianças foram vistas apenas como seres biológicos, sem reconhecimento de um lugar social próprio ou de autonomia. Esse entendimento, no entanto, vem sendo superado na contemporaneidade, quando passam a ser compreendidas como uma categoria social com identidade e estatuto próprios. Nesse movimento, Corsaro (2011) afirma a criança como sujeito de direitos, agente social e protagonista na construção das culturas e das relações sociais.

Diante desse cenário, o objetivo deste trabalho consiste em analisar a construção de significados atribuídos ao corpo por crianças do Ensino Fundamental - anos iniciais, no contexto de um processo de ensino e aprendizagem baseado na corporalidade como eixo para a formação humanizadora.

2. Percurso metodológico

A pesquisa fundamenta-se na abordagem qualitativa, articulada à investigação participativa com crianças, buscando compreender sujeitos e contextos em sua

complexidade e privilegiando os processos e os sentidos construídos ao longo do percurso investigativo (Marchão; Henriques, 2018).

Nessa perspectiva, Minayo (2001) destaca que a vivência, a experiência e o cotidiano são elementos fundamentais para a compreensão das lógicas estruturantes, entendidas como expressões das ações humanas. Em consonância, a investigação participativa reconhece e valoriza o envolvimento ativo das crianças no processo de pesquisa, ampliando a visibilidade de suas vozes e de suas formas de ação social como dimensões centrais na construção das dinâmicas investigativas (Fernandes; Marchi, 2020).

Com esse escopo, foi desenvolvido na pesquisa de campo um projeto de ensino em parceria entre a Universidade pública e uma escola municipal de Ensino Fundamental da cidade de Bauru/SP.

A pesquisa contou com a participação de 60 crianças, aproximadamente, pertencentes a duas turmas de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental – anos iniciais, respectivamente, com idades entre 9 e 11 anos. O processo de ensino e aprendizagem foi desenvolvido de março a dezembro de 2025, semanalmente, com encontros de 50 minutos, aproximadamente.

Integrando ensino e pesquisa, o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer nº 7.424.430), com a devida assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido pelos responsáveis e dos Termos de Assentimento pelas crianças, incluindo a autorização para uso de imagem e voz. E, mediante a observação de campo, os dados foram registrados em diários de campo e embasam as discussões aqui apresentadas (Bogdan; Biklen, 1994).

3. Desenvolvimento

A corporalidade e as práticas corporais na infância, como o jogo e a brincadeira, entre outras, oferecem às crianças a possibilidade de vivenciar, apropriar-se e construir diversas formas de manifestações corporais. Essas práticas podem favorecer o desenvolvimento da consciência corporal, do controle e da percepção do próprio corpo, bem como do autoconhecimento e do respeito por si, pelo outro e pelo meio em que vivem. Além disso, estimulam a expressão e a construção coletiva das relações sociais. Dessa forma, contribuem para que as crianças ampliem a compreensão de sua corporalidade, de suas emoções e de suas ações no mundo.

De acordo com a BNCC – Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017, p. 220), as crianças quando brincam, jogam ou vivenciam qualquer outra prática corporal, apropriam-se “das lógicas intrínsecas (regras, códigos, rituais, sistemáticas de funcionamento, organização, táticas etc.) a essas manifestações, assim como trocam entre si e com a sociedade as representações e os significados que lhes são atribuídos.”.

Faz-se importante definir a concepção de corpos: Do ponto de vista filosófico observa-se, no contexto ocidental, uma visão dualista, dicotomizada, isto é, há uma divisão entre mente e corpo, como se fossem coisas distintas e não integrassem um mesmo sistema, um mesmo organismo (Cavalari, 1996). No entanto, essa visão se desfaz ao considerar o segmento cultural que os corpos estão inseridos.

> Na concepção de muitos, o corpo é "dado" ao nascer; ele é um legado que carrega "naturalmente" certas características, que traz uma determinada forma, que possui algumas "marcas" distintivas. Para outros, no entanto, é impossível separar as duas dimensões. Nessa perspectiva, o corpo não é "dado", mas sim produzido - cultural e discursivamente - e, nesse processo, ele adquire as "marcas" da cultura, tornando-se distinto. (Louro, 2000, p. 61)

Sob essa perspectiva, concebendo que o corpo é culturalmente produzido e que há diferentes tipos de corpos, também sabe-se que há um referencial de corpo. No caso da sociedade brasileira, a identidade de referência é o homem, branco, heterossexual, de classe media alta urbana e cristão (Louro, 1998). Sendo assim, qualquer corpo que fuja desse padrão passa a ser invisível ou visto como errado.

Lembrar que a escola é um espaço inserido dentro da sociedade e que reproduz todas as relações que acontecem dentro do corpo social (Bourdieu, 1970) é necessário para o entendimento de que, assim, a dinâmica de um padrão ideal de corpo na sociedade também se manifesta dentro da Instituição Escola, replicando hierarquias e mazelas estruturais desse sistema social.

Dentre o conjunto temático de práticas pedagógicas desenvolvidas com as crianças, o eixo aqui analisado teve como foco as percepções de corpo pelas crianças, particularmente no contexto da escola.

Ao analisar a relação da corporalidade das crianças com o ambiente escolar, por meio das expressões infantis nas atividades propostas, evidenciou-se a ênfase na disciplinarização dos corpos, prática comum e até mesmo cultural, conforme ressaltado por Azevedo e Lima (2021).

A primeira dessas atividades consistia na produção de esquete, com cenas rápidas.. As crianças foram organizadas em grupos para a produção de cenas dentro

da temática “Um dia na escola” e depois apresentaram para os demais colegas de turma. O que os grupos representaram revelou sobre suas percepções do contexto escolar:

> Na atuação, algumas crianças assumiram o papel dos alunos, que estavam sentados no chão, e à frente, outra colega era a professora. Mais longe, uma aluna representava a diretora, olhando pela porta da sala. (Diário de Campo, 30/06/2025)

O relato acima traz indícios de vigilância, prática que pode reprimir silenciosamente comportamentos que fazem parte da cultura infantil. Esse dispositivo na escola, geralmente, tem a função de manter um controle sobre os corpos das crianças e o que elas fazem, para realizar uma espécie de docilização dos corpos.

Para Foucault (1987), a escola é a instituição que melhor realiza esse trabalho de repressão e de disciplinarização. Ainda segundo esse mesmo autor, esse trabalho realizado pela escola é responsável por consequências futuras:

> A disciplina fabrica corpos omissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita (Foucault, 1987, p. 127).

E essa disciplina que visa transformar as crianças em corpos obedientes se faz presente em mais de um momento nessa dinâmica, não somente de forma silenciosa, mas também explicitamente. O grupo expressou, também, por meio da esquete:

> No intervalo, voltaram a se sentar, em fila, comendo e esperando até o horário da próxima aula. Num momento representando "bagunça", os atores "fugiram" do palco e correram ao redor, mas no fim sendo repreendidos pelos professores. (Diário de Campo, 30/06/2025)

Esse tratamento dos corpos nas escolas corrobora para a manutenção de um sistema social que não condiz com uma educação que objetiva formação para o exercício da cidadania, conforme preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996).

> Se a intenção é formar alunos reflexivos, então, as aulas serão conduzidas no sentido de oferecer possibilidades para que os mesmos pensem e argumentem sobre o que estão aprendendo. Todavia, a realidade em muitas das instituições escolares está calcada em um modelo de reprodução, que tem por finalidade manter e subordinar a grande maioria das pessoas às estruturas sócio históricas vigentes. (Caires; Máscia, 2021)

Em outro momento, em uma atividade de mímica, quando a pesquisadora simulou correr durante o recreio, uma criança logo se posicionou: “Brincar não, eles

não deixam” (Diário de campo, 30/07/2025), reforçando como a disciplinarização dos corpos está profundamente ligada à rotina escolar.

Tendo em vista as reflexões aqui apresentadas, ressaltamos a compreensão de que as crianças produzem cultura com os adultos (Corsaro, 2011), e essa cultura que é produzida dentro do ambiente escolar, entre o estudante e o educador(a), deve promover a criticidade e a reflexão, não a cultura da repressão, omissão e obediência, para que as crianças possam ser partícipes de sua formação, bem como adultos participativos em sua sociedade de forma ativa e efetiva.

É importante ressaltarmos que os(as) professores(as) podem aprimorar a prática para tornar o ambiente escolar um lugar de acolhimento, e estimular as crianças a expressarem-se livremente sobre acontecimentos desse contexto social quanto a corporeidade. A escuta ativa não é algo meramente opcional e dispensável, mas uma parte essencial na caminhada para compreender a relação do corpo estudantil com o espaço escolar. Ao abrir espaço para que as crianças se expressem, o(a) educador(a) consegue identificar as barreiras nas relações sociais e dentro da relação escola-aluno. Essa prática reafirma a necessidade de uma escola preocupada em ouvir as crianças e suas percepções de mundo, assim como Freire(1968) defendia ao propor uma comunicação horizontal. Assim, o ambiente escolar poderá ser um lugar de acolhimento real onde a voz da criança é o ponto chave para uma educação mais humana e significativa.

4. Conclusões

A partir das reflexões tecidas, concluímos que a corporalidade e as práticas corporais na infância constituem-se como o lugar onde se cruzam o potencial criativo da criança e as estruturas de controle institucional. A observação do contexto escolar nesta pesquisa evidencia que a percepção das crianças é que o corpo ainda é alvo prioritário de mecanismos de disciplinarização e silenciamento.

Sendo assim, é fundamental reiterar que esse controle não é neutro, mas sim atravessado pelas marcas da cultura que privilegiam um referencial de corpo hegemônico. Ao ignorar as diferentes formas de ser e estar no mundo, a escola reforça hierarquias que limitam a expressão plena da subjetividade infantil. Contudo, a pesquisa traz para a reflexão que a comunicação dialógica é o caminho para uma educação emancipadora, validando o direito da criança de habitar o espaço escolar com dignidade e autonomia.

Em suma, a concepção e tratamento do corpo das crianças na escola deve transitar da repressão para a expressão. É necessário que a equipe escolar reconheça as crianças como produtoras ativas de cultura, entendendo que sua corporalidade é o meio fundamental pelo qual elas significam o mundo. Somente através de uma prática pedagógica que valorize a voz infantil e respeite as diversas manifestações do corpo, será possível transformar a escola em um ambiente de acolhimento real, onde a educação deixe de ser um processo de sujeição para tornar-se uma jornada de liberdade e formação humana integral.

5. Referências

AZEVEDO, A. C. S.; LIMA, J. M.. **O processo civilizatório da infância pelo corpo**: um pouco do que a História nos conta.Cadernos de História da Educação, v. 20, p. 1-20, 2021.

BOURDIEU, P. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

CAIRES, T. P.; MÁSCIA, M. A. A. Entre a escola real e a desejada: a disciplinarização dos corpos na educação infantil. **Humanidades & Inovação,** v. 8, n. 32, p. 237-250, 2021

CANDAU, V. M. Didática, interculturalidade e formação de professores: desafios atuais. **Revista Cocar**, [S. l.], n. 8, p. 28-44, jan./abr. 2020. Edição Especial.

CAVALARI, R. M. B. **Educação Física escolar**: a corporeidade em questão. Campinas: Papirus, 1996.

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1998.

LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, G. L. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-75, jul./dez. 2000.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A reinvenção da roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 95–103, 2014.

SILVA, A. M. Entre o corpo e as práticas corporais. **Revista Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 5-20, jan./jun. 2014. Edição Especial.

SILVA, A. M. P. G. **O corpo e as suas adjetivações**: a pedagogia do gesto na escola primária (1920-1940). Recife: Editora UFPE, 2012.